

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

MALAMOR/Tainted Love – REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO RODRIGUES E JOÃO RUI GUERRA DA MATA
com a BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas

8 de outubro de 2025

INTERVIEW / 2024

um filme de VASCO ARAÚJO

Realização produção, interpretação: Vasco Araújo / *Argumento:* Vasco Araújo, a partir de entrevistas a Maria Callas e da biografia *Cast a Diva: The Hidden Life of Maria Callas*, de Lyndsy Spence / *Galeria:* Francisco Fino / *Cópia:* digital, colorida e preto e branco, falada em português e legendada em inglês / *Duração:* 21 minutos / *Primeira apresentação:* exposição individual de Vasco Araújo na Galeria Francisco Fino, “Ritornare” (1 de outubro a 26 de novembro de 2024) / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

ODETE / 2005

um filme de JOÃO PEDRO RODRIGUES

Realização: João Pedro Rodrigues / *Argumento:* João Pedro Rodrigues, Paulo Rebelo, com colaboração de Francisco Frazão e João Rui Guerra da Mata / *Direção de fotografia:* Rui Poças / *Som:* Nuno Carvalho / *Montagem:* Paulo Rebelo / *Decoração e Guarda-roupa:* João Rui Guerra da Mata / *Consultor Musical:* Frank Beauvais / *Interpretação:* Ana Cristina de Oliveira (Odete), Nuno Gil (Rui), João Carreira (Pedro), Teresa Madruga (Teresa), Carloto Cotta (Alberto), Filipe Gordo, Cláudia Faria, Eric Costa, Carlos Pimenta, João Carlos Arruda, Francisco Peres, Maria João Falcão, Marta Cabaço, Carlos Afonso Pereira, Beatriz Torcato.

Produção: Rosa Filmes (Portugal, 2005) / *Produtores:* Maria João Sigalho / *Cópia:* 35 mm, colorida, falada em português e legendada em inglês / *Duração:* 101 minutos / *Estreia:* maio de 2005, Quinzena dos Realizadores, Festival de Cannes / *Estreia nacional:* 29 de dezembro de 2005, nos cinemas Cidade do Porto, King Triplex, Lusomundo Amoreiras, Lusomundo Dolce Vita Coimbra, Monumental Saldanha, UCI Cinemas, Warner Lusomundo Almada Forum, Warner Lusomundo CascaiShopping, Warner Lusomundo Forum Aveiro, Warner Lusomundo NorteShopping / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 15 de dezembro de 2005, “Ante-Estreia”.

A sessão contará com uma apresentação de João Pedro Rodrigues.

INTERVIEW

Faz agora um ano que, na Galeria Francisco Fino, Vasco Araújo apresentou uma exposição individual intitulada *Ritornare*. O texto de apresentação da exposição, da autoria do próprio artista, surgia em forma de carta e tratava de questionar esse movimento retrospectivo de “voltar a olhar”. “Creio que quando se regressa a algo que já temos feito estamos sempre perante uma revisitação do passado, que contribui para uma consciencialização, ou mesmo para uma clarificação, do que fizemos, do que éramos, do que somos.” Assim começava por esclarecer Vasco Araújo. O raciocínio continuava desembocando numa interrogação mais profunda: “Quem sou eu?” A obra de Vasco Araújo convoca este tipo de dúvidas, por trabalhar amiúde as questões da autorrepresentação e da identidade enquanto encenação. Muito embora a exposição integrasse diferentes trabalhos (fotografia “auto-apropriada”, escultura, peças sonoras, instalação), o vídeo **Interview** ocupava uma posição centralizadora, surgindo como síntese do próprio projeto retrospectivo-expositivo.

A peça consiste num duplo diálogo surdo (ou de um duplo monólogo com ressonâncias), o primeiro entre o presente e uma obra de 2002, *Recital*, o segundo, entre a própria figura de Vasco Araújo e a *persona* mítica de Maria Callas. Comecemos pelo primeiro. Do lado esquerdo do ecrã surge a referida peça de 2002 onde o artista, vestido de mulher, canta cinco árias de ópera escritas para voz de mulher que interpretam personagens masculinas (o canto lírico de Vasco Araújo não se escuta, a banda de som inclui apenas uma narração feminina despersonalizada da tradução inglesa dos respetivos libretos). **Interview** inclui a integralidade de *Recital* (as duas peças têm exatamente 20 minutos e 40 segundos), no entanto retira-lhe o som e também a cor. Ao passá-lo a preto e branco e ao colocá-lo do lado esquerdo da composição, Araújo remete aquelas imagens – irrevogavelmente – para o passado (ao qual elas pertencem, é certo). *Recital* deixa então de ser uma peça autónoma para passar a ser um registo – um testemunho – da passagem do tempo. Do lado direito, em oposição simétrica (os planos médios e o fundo negro são idênticos), surge então Vasco Araújo em 2024, ou pelo menos o seu corpo (já que não se trata exatamente do artista, mas de uma encenação reflexa de si – já lá irei). As diferenças são evidentes: passadas mais de duas décadas, Vasco Araújo emagreceu muito. Ouve-se, por fim, a voz do próprio Vasco Araújo, em *off*, na personagem de entrevistador, lembrando que “da última vez que lhe diz uma entrevista estava bastante diferente”. A *diferença* é a razão de ser deste *split screen*, desta justaposição, e *Recital* está ali para nos lembrar e confirmar essa mesma diferença.

O segundo diálogo surdo/monólogo com ressonâncias não é formal (não se constrói através da montagem), é literal e constrói-se através do modelo da “auto-entrevista”. É a voz de Vasco Araújo em *off* que coloca as perguntas e é o corpo de Vasco Araújo (e a sua voz em *on*) que trata de lhes responder. No entanto, e é aí que tudo se contorce e se faz ambíguo, nem as perguntas, nem necessariamente as respostas, se compõe de palavras do próprio. A entrevista

que escutamos (e que dá nome à peça) resulta de um exercício literário que faz lembrar o método *cut-up* de William S. Burroughs: Vasco Araújo recolheu, transcreveu, recortou e colou inúmeras entrevistas de Maria Callas (incluindo passagens da biografia que Lyndsy Spence lhe dedicou, *Cast a Diva: The Hidden Life of Maria Callas*) e daí produziu um discurso que sendo um retrato da cantora (do seu tom lacónico, da sua atitude altiva e da sua frieza rude), é em simultâneo um retrato do próprio Vasco Araújo (isto porque, também Callas passou por uma enorme transformação física que a fez perder muito peso). Como as citações nunca são enunciadas, fica por identificar onde terminam as palavras de Callas e começam as de Araújo. Esse esboroamento identitário faz de **Interview** um objeto enigmático (e lúdico!), onde a (auto)biografia e a (auto)ficção se mesclam, com o artista a diluir-se na própria mitologia da cantora lírica. Só que essa “diluição” é, ao mesmo tempo, uma forma de proteção, uma capa ficcional. Vasco Araújo pode dizer, em nome de Callas (e com a devida vénia), aquilo que não diria em nome próprio (mas dizendo-o de viva-voz). Até porque, como se ouve a certa altura, a gordura era “uma capa, uma defesa, uma muralha para me defender dos outros”. Agora, sem gordura, é a *performatividade* que cumpre esse papel. **Interview**, com pouquíssimos meios, põe em marcha um tortuoso jogo de duplicitades que, de algum modo, serve de perfeito contraponto ao teatro de fantasmagorias que é **Odete** de João Pedro Rodrigues.

Ricardo Vieira Lisboa

ODETE

Odete é a segunda longa-metragem de João Pedro Rodrigues, sucedendo a **O Fantasma**, uma primeira obra extremamente sólida que, cinco anos antes, revelou João Pedro Rodrigues como uma das grandes promessas do cinema contemporâneo. Não obstante as suas evidentes diferenças, ambos os filmes partilham um importante elemento comum: a solidão dos seus protagonistas e os seus comportamentos obsessivos no que toca aos mecanismos do desejo e ao amor. Ambos retratam personagens excessivas movidas pelas pulsões mais profundas, cujo destino apenas se cumpre através da metamorfose ou da transformação.

Se o protagonista de **O Fantasma** cumpre o seu destino numa quase total despessoalização que o aproxima da animalidade – é impossível esquecer a poderosa sequência final em que deambula vestido de látex por uma lixeira da zona de Lisboa – Odete cumprirá o seu ao encarnar progressivamente o espírito (e o corpo) de Pedro. “Chama-me Pedro”, são as suas palavras para Rui na insólita cena de sexo, no final. Frase que apenas corresponde à verbalização de todo um movimento gradual que tem muito de excessivo, mas que só aí atinge o seu auge.

Personagens excessivas, conduzem a um filme necessariamente excessivo, mesmo se fortemente ancorado no real. Para entrar no jogo há que partilhar a inocência de Odete. Crer em Odete é crer no filme, mesmo se na vida raramente exista uma tal concentração de excesso. Como referiu João Pedro Rodrigues numa entrevista, “*O grotesco e o ridículo causam-me muito medo. Por isso mesmo ousei aproximar-me.*” Se **O Fantasma** arriscava muito, **Odete** arrisca muito mais ao desenvolver um conjunto de sequências como a acima descrita, cujo carácter insólito não pode deixar de desconcertar o espectador.

Mas uma das grandes particularidades deste filme é que todo o excesso personificado por Odete – que não é mais do que o excesso motivado pelo amor, ou pela sua falta – desenvolve-se num quadro assumidamente realista. João Pedro Rodrigues desenvolve esta história de um amor improvável no interior de um quotidiano que se apresenta como imediato, pois o argumento particularmente intrincado de **Odete** tem na sua base personagens aparentemente simples que trabalham, têm os seus namorados, passeiam-se pelas ruas de Lisboa... Mas de onde vem o vento que agita as cortinas do pequeno estúdio de um R/C pintado com cores pop onde vive Odete e que assinala a o início da sua transformação? Talvez encontrarmos a resposta nos melodramas de Douglas Sirk (tão apreciados por João Pedro Rodrigues), e em particular em **Written on the Wind** (1956). Mas este é apenas um dos traços de um realismo mágico ou de um realismo insólito que transporta o filme de uma realidade perfeitamente identificável para um universo não encantatório.

Odete confere um papel muito especial a *Moon River*, a canção que Mancini escreveu para *Breakfast at Tiffany's*, de Blake Edwards, a que João Pedro vai buscar a expressão gravada no anel dos dois amantes, “two drifters”. Mas se encontramos em **Odete** ecos de Douglas Sirk, Edwards, mas também de Ford, Bresson, ou de Tsai Ming-liang, o cineasta tem a grande qualidade de transportar a sua cinefilia para dentro de um filme sem o afogar em citações.

E se **O Fantasma** terminava com o percurso errático de um estranho ser por uma lixeira de Lisboa, em **Odete** esse cenário apocalíptico é substituído pelo cemitério que alberga a campa de Pedro. Cemitério que não aponta apenas para a morte, mas também para a possibilidade de ressurreição.

Joana Ascensão